

EDUCAÇÃO: PRESERVAÇÃO E RESPEITO À DIVERSIDADE CULTURAL

Cesar Augusto Silva de Sousa ¹

RESUMO

Durante toda a idade moderna, enfatizado pelo iluminismo, existiu na área da educação um movimento, no qual, seu objetivo centrava-se em encontrar um conceito capaz de universalizar o homem, isto é, uma idealização da humanidade e com isso dirigir a sociedade a esse padrão. “Justificando”, assim, imposições culturais em que a escola se constituía numa ferramenta para a perpetuação dessa hierarquia social, eternizando esse modelo que rejeita todas as desigualdades, tratando-as como selvagerias. Dessa maneira, esse artigo busca, a partir de investigações bibliográficas, enfatizar a virada educacional pós-moderna, onde, há o entendimento que cultura e educação estão interligadas e propor que esta deve, ao invés de buscar universalizar o gênero humano, reconhecer a diversidade como a própria essência do ser, incentivando assim, o respeito, a diferença, preservação e promoção do convívio entre elas.

Palavras-chave: Educação, Cultura, Diversidade.

INTRODUÇÃO

Existe atualmente um crescente interesse pelas investigações das questões relativas às esferas da cultura, partindo tanto de um debate acadêmico político, quanto de uma vida mais cotidiana, baseada em manifestações regionais de determinados grupos, que foram por bastante tempo excluído ou esquecidos pelos interesses das elites governantes. O Brasil com sua grande diversidade é contemplado por uma rica herança cultural que advém de vários lugares do mundo e dele mesmo, cabe não só a ação política de preservar essas identidades, mas fundamentalmente a educação, pois, esta forma as bases de respeito e igualdade entre elas.

O termo cultura se refere inicialmente, aquilo que vem da natureza, que foi cultivada em uma lavoura (EAGLETON. 2003, p. 11), não a temos como um antônimo da natureza, sendo assim, é um fruto dela e não pode ser concebida conforme uma abstração, mas uma interrelação entre indivíduo e natureza. Está ligada à nossa sobrevivência no mundo, em descobrir habilidades para viver com a hostilidade dele,

¹ Graduando de Licenciatura em Filosofia – Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – casscear2@gmail.com

em vista disso, estamos falando de uma atividade, e “passar-se-ia ainda muito tempo até designar uma entidade.” (EAGLETON. 2003, p. 12).

Cultura parte de sentimentos primordiais, isto é, empenha-se em criar habilidades com o intuito de resolver os problemas que podem ocasionar a morte, parte-se então, de um instinto de evitar a *dor* e buscar o *prazer*, onde, a racionalidade está limitada e só começa a se desenvolver nesse contexto (DAMÁSSIO, 2018, p. 07), em que a aprendizagem compreende um fator fundamental para a evolução e preservação desses primeiros saberes que são constituídas por técnicas com a finalidade de sobrevivência.

O homem se mistura com o natural e é submisso a ele, mas, também é capaz, a medida em que se aprimora, de elevá-la. Por isso, consegue-se observar que com os desdobramentos da evolução humana, em que existem as adaptações e modificações da natureza, transformando o que era uma atividade em entidade, torna-se a preservação das melhores habilidades do indivíduo, surge a criação e valorização das artes, da investigação filosófica, dos princípios morais e crenças religiosas.

Dado a imensidão do planeta, não há como tratar essa entidade de forma única, a heterogeneidade que se encontra presente nele não permite concebê-la de maneira homogenia. Veiga-Neto utiliza a expressão *multicultura* ao se referir a um conjunto teórico que se apoia na perspectiva, onde, a realidade é uma construção de interpretações subjetivas e que os valores, por exemplo, os culturais, são “relativos” a um determinado conhecimento político e público, estabelecendo assim, uma aversão a qualquer definição única e homogênea desse termo. Ressalta, portanto, a palavra em seu sentido plural (VEIGA-NETO, 2003, p.06).

Ele assume esse debate como uma das dificuldades que surgiram no campo da educação, propondo e refletindo, sobre o ligamento entre cultura(s) e a escola. Esses dois estão íntimos, cabendo como uma das missões da sua atividade educacional, preservar o respeito entre as diversas manifestações culturais, compete-lhe manter um laço de convivência entre ambas, rejeitando a hierarquização, exclusão ou submissão de uma sobre a outra, que é uma característica infeliz, da idade moderna junto ao movimento iluminista.

Talvez que a educação se torne sempre melhor e que cada geração subsequente dê um passo em direção ao aperfeiçoamento da humanidade; pois, por detrás da educação, aloja-se o grande segredo da perfeição da natureza humana. De agora em diante, tal pode

acontecer. Pois só agora se começa a avaliar correctamente e a ver com nitidez o que pertence intrinsecamente a uma boa educação. É encantador imaginar que a natureza humana se desenvolverá cada vez melhor através da educação e que se pode levar esta a uma forma que seja adequada à humanidade (KANT, 2018, p. 09).

Pode-se até entender que existe um processo gradual entre geração, mas isso não significa dizer necessariamente que exista um seguimento de alguma regra global em que o indivíduo está destinado ou possibilitado a chegar, tais como, ideias de perfeição humanitária e modelo universal do homem. Consiste então, em dizer que há uma dialética em que os diversos costumes interagem e podem com isso contribuir entre si, onde, não precisa existir imposição, mas sim o cultivo de um respeito coletivo.

Também não significa dizer, que tal procedimento é fácil de fazer, mas é imprescindível que exista uma convivência entre elas, logo, não se busca um gênero único para representar todas as pessoas, mas, uma inversão desse conceito, o “universal” é justamente a diversidade. A diferença é o que existe de mais identitário e qualifica o homem como homem, isto é, um ser dotado de humanidade, é a sua essência, que desenvolveu durante toda sua existência.

METODOLOGIA

O método a ser utilizado nessa pesquisa tem como propósito de forma geral ser teórico e qualitativo, por consequência, parte-se de uma análise bibliográfica filosóficas e da área da pedagogia, já que a filosofia é tanto prática quanto intelectual, capaz de reflexões que analisam as questões culturais, por uma perspectiva que não pretende separar do estudo o que já é conhecido, parte portanto, do conhecimento já estabelecido e reflete sobre este, aumentando em grau de qualidade a partir de críticas.

É um pensamento de segundo grau, isto é, enquanto um ato reflexivo, analisa algo, e nesse caso é a interrelação da cultura com a educação. Assim, permite-se que a filosofia, a estude não como uma das ciências naturais, mas, advindo de um método que é seu, onde, não se separa objeto e sujeito, concebendo a educação enquanto uma instituição formadora, que pressupõe a existência dos costumes como sua base, e está-lhe concede o potencial de refletir e modifica-la, partindo de suas técnicas, ciências e crenças.

HIERARQUIA CULTURAL

A cultura e a educação em si, não foram questionadas seriamente pela maior parte do tempo, persistindo até a modernidade, apenas como conjunto do que há de melhor na produção humana, abordando a arte, filosofia, ciência e a religião. Sendo esse “melhor”, um padrão preconceituoso, pois, hierarquiza essas diversas identidades, ou seja, tem o propósito de submeter esses diferentes costumes a essas tidas superiores, “justificando” a intervenção exploratória de uma sobre as outras. Sendo assim, a Europa, dá a si mesmo o caráter de detentora desse modelo mais avançado, globalizando o termo cultura, em que todas as outras devem obrigatoriamente seguir, seja por vontade própria ou por imposição (VEIGA-NETO, 2003, p. 07).

O recurso a esse conceito, como um elemento de superioridade e de justificação, com o intuito a dominação é evidente quando se analisa o termo “Kultur” dos alemães. Esses tinham para si, que a sua contribuição para a humanidade, produzida por uma habilidade única de apreciar as obras de artes, pensar e organizar seus sistemas filosóficos, pois, só eles chegaram ao patamar de “sensibilidade” capaz de superar a mera civilidade ou barbarismos das demais sociedades, dessa maneira, diferenciam não só civilidade de barbarismo, mas colocam uma terceira “casta”, superior a estas, isto é, a sua Kultur.

A civilidade foi a denominação que há muito já vinha sendo dada à disposição geral em que os comportamentos individuais eram cada vez mais auto-regulados; uma disposição que se dava como uma contraposição ao – e em substituição ao – enfraquecimento das coações externas e dos códigos hierárquicos nobiliários. Ela representava a substituição da espontaneidade pela contenção dos afetos. Por outro lado, a Cultura era entendida como um conjunto de produções e representações que eram da ordem dos saberes, da sensibilidade e do espírito. Para aqueles alemães, ainda que qualquer grupo social pudesse ser – ou vir a ser – civilizado, a cultura seria um apanágio dos homens e das sociedades superiores (VEIGA-NETO, 2003, p. 09).

Essa característica de sucessão, superioridade e hierarquização é pensada em um contexto de ascensão do movimento iluminista, em que há uma exaltação da racionalidade contra os antigos modos de pensar da tradição, sendo essas, inferiores a esse novo jeito de pensar. Hegel com suas reflexões, diz que o Estado é a plena realização das expressões humanas de um povo, ou seja, ele é uma abstração das “principais” características daquelas pessoas, ao modo de padronizar aqueles

indivíduos. Dessa maneira, existe uma desvalorização das singularidades individuais, pois, adquire-se um estereótipo que deve ser o referencial daquela sociedade, onde, Kant ainda enfatiza que tal modo selvagem das outras comunidades, são tradições de pouco desenvolvimento da “humanidade”.

Pode-se também observar isto nas nações selvagens que, ainda que prestem serviços aos europeus durante um longo período de tempo, nunca se habituam ao seu modo de vida. Mas nelas, isso não é um nobre pendor para liberdade, como o pretendiam Rousseau e outros, mas um certo estado rude, na medida em que o animal como que ainda não desenvolveu em si a humanidade. (KANT, 2018, p. 07).

Apesar disso, esse referencial, de acordo com Hegel, não é nada estático, mas um movimento evolutivo, pois, cada momento histórico tem problemas únicos que modifica e transforma esse modelo, que acontece de modo racional, isto é, suscetível e fruto de uma dialética, na qual o novo sempre está em um grau de superioridade. Em vista disso, é de grande importância uma “submissão” do sujeito e de sua vontade individual ao Estado, pois, Hegel, tais características contingentes fogem ao universal que fundamenta a moralidade da sociedade.

A história refere-se ao passado, e a filosofia da história tende a pensar a realidade como uma sucessão, logo, um futuro, que pode parecer contraditório, mas, tem a realidade sendo submissa a uma organização racional da ideia, está é a sua realização no material (HEGEL, 2013, l. 313).

Essas concepções se tornam perigosas, à medida em que não consideram a multiplicidade de comunidades do mundo, retira a legitimidade identitárias desses povos, já que a ideia de progresso coloca a Europa como norma a ser seguida, dando margem a imposição cultural, generalizando o ser humano, não como sujeito composto de especificidades únicas, mas que ressalta um estereótipo e serve de base para sustentar uma sociedade impositora de valores, destruindo e excluindo a diversidade.

[...] vai detalhar como deverá ser a educação escolarizada, de modo que se torne eficiente para a construção de uma nova germanidade. E, sob o manto de um pretensão humanismo universal, o que estava em jogo era a imposição, pela via educacional, de um padrão cultural único, que era ao mesmo tempo branco, machista, de forte conotação judaico-cristã, eurocêntrico e, é claro, de preferência germânico. De certa maneira, as muitas campanhas que se desenrolaram desde então, em defesa de uma escola única para todos, foram herdeiras dessa ideologia monoculturalista (VEIGA-NETO, 2003, p. 10).

Immanuel Kant, imbuído dessa perspectiva generalista, propõe uma escolarização que vislumbrasse o humanismo universal, no entanto, pode-se verificar que isso, nada mais é do que a imposição pela via da instrução, já que ela enquanto formadora de cidadãos, pretende formar e perpetuar um padrão comum, que nesse caso tinha a característica de ser branco, machista e de forte conotação germânica (VEIGANETO, 2003, P.10). Sendo assim, o desejo final dessa forma de pensamento é tratar os demais povos, como casos particulares que deveriam ser ignorados ou eliminados por meio da instrução, a favor de uma identidade única e a rejeição de toda e qualquer desigualdade.

EDUCAÇÃO E SEU INCENTIVO A HIERARQUIA

A educação tem nesse contexto, como sua missão interna levar a humanidade a sua elevação cultural, tem o modelo as conquistas dos grupos sociais mais “educados” e mais “cultos”, mesmo sendo impossível saber que grupos seriam esses ou quem os nomeou desta maneira. Por conseguinte, contém um caráter de “superação” das singularidades, a fim de uma concepção de unificação, isto é, uma sobreposição sutil e violenta, pois, é introjetada nos sujeitos por meio de uma pedagogia de supervalorização dos sistemas hegemônicos dos povos elitizados da Europa, onde, destaca-se a Alemanha.

Talvez que a educação se torne sempre melhor e que cada geração subsequente dê um passo em direção ao aperfeiçoamento da humanidade; pois, por detrás da educação, aloja-se o grande segredo da perfeição da natureza humana. De agora em diante, tal pode acontecer. Pois só agora se começa a avaliar correctamente e a ver com nitidez o que pertence intrinsecamente a uma boa educação. É encantador imaginar que a natureza humana se desenvolverá cada vez melhor através da educação e que se pode levar esta a uma forma que seja adequada à humanidade (KANT, 2018, p.09)

Conceber o ensino como o aperfeiçoamento da humanidade em busca de certa perfeição da natureza do homem, pode resultar em uma ideia impositiva, de que forma saber que estado perfeito é esse? Segundo Dermeval Saviani em *Escola e democracia* (2018), ter o colégio como uma “salvadora” dos humanos, favorável à sua emancipação, e reduzir a desigualdade em busca de um conceito genérico, essa é uma teoria não crítica e tradicional, pois, não se atém aos aspectos culturais e relações de poder que estão intrinsecamente interligadas a estrutura educacional. Sendo assim, ater-se a essa

concepção nada mais é do que possíveis estratégias das classes superiores, para se manter nesse lugar ou doutrinar as massas a uma ideia de que um dia irão ascender na hierarquia a partir do conhecimento.

A marginalidade é, pois, um fenômeno acidental que afeta individualmente um número maior ou menor de seus membros, o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção que não só pode como deve ser corrigida. A educação emerge aí como um instrumento de correção dessas distorções (SAVIANI, 2018, p. 55).

Kant pretendia que a instrução tornasse uma doutrina para uma cultura única, que agisse com o objetivo de uma coexistência perfeita, deste modo, deveria se ensinar desde o nascimento da criança a seguir regras. Logo, a disciplina começa em casa com os pais, esses tem um papel fundamental, pois, se errarem em “conter” os impulsos (para a liberdade) dos seus filhos, dificilmente conseguiriam endireita-los depois. Quando o homem “é deixado entregue à sua vontade na juventude e nada lhe opõe resistência, conservará então uma certa disposição selvagem ao longo de toda a sua vida” (KANT, 2018, p. 07), cabe então, aos pais começarem a controlar esses impulsos.

Os primeiros pais dão logo aos filhos um exemplo que os filhos imitam, e assim desenvolvem-se algumas disposições naturais. Mas nem todas podem ser formadas deste modo, pois é sobretudo em ocasiões circunstanciais que os filhos vêem exemplos. Antigamente, os homens não tinham um conceito da perfeição que a natureza humana pode alcançar. Nós próprios ainda não clarificamos totalmente tal conceito. Mas já se sabe certamente o suficiente para afirmar que não é o homem individualmente, na formação dos seus educandos, que pode levá-los a alcançarem a sua destinação. Não é o homem individualmente, mas o gênero humano que deve ter êxito nessa tarefa. (KANT, 2018, p. 11).

Nele existe um paradigma humanista, que deve ser buscado e seguido, com a intenção de evitar a desigualdade entre os homens, isto é, esse universo perfeito pensado, não consideram as essências da diferença humana ou ao menos devem ser submissas ao “bem maior”, segundo ele, essa é uma escolha racional, na qual, não seria custoso a esfera individual do ser humano, logo, quando atingir “uma uniformidade entre eles, quando agirem de acordo com os mesmos princípios, e estes princípios se tornarem para si outra natureza” (KANT, 2018, p. 10), fará de bom grado tal escolha.

Contudo, a distorção ou a efetivação desse ideal, é tornar o ensino um processo, no qual, torna-se ferramenta dos opressores, pois, “é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de

reforçar a dominação e legitimar a marginalização” (SAVIANI, 2018, p. 55), já que, o padrão a ser seguido sempre é daqueles que estão no topo da sociedade. Kant ignora que a educação não é somente produtora de cultura, mas um desdobramento dela, logo, está à mercê de manipulações do Estado e da elite econômica privilegiada.

Portanto, a escola adota esses meios de compreensão dos processos históricos e comportamentos como paradigmas a seres defendidos e repercutir nas novas gerações, onde, observa-se ainda nos dias atuais, seus desastrosos resultados, em que muitos dos pedagogos antigos e atuais ainda veem o ensino como um caminho a elevação cultural, de forma que cada um daqueles alunos ali presentes não tivesse em si, nenhuma carga de saberes prévios (VEGA-NETO, 2003, p. 07).

RESSIGNIFICANDO O PAPEL DA ESTRUTURA EDUCACIONAL

Na atualidade, também já é possível observar certas insurgências para com a multiplicidade, no sentido, de um desvelamento, daquilo que tentaram encobrir sob um discurso humanista. Com tais observações, pode-se apontar que existe uma transformação no significado da palavra cultura, que deixa de ser a expressão de unicidade, e transforma-se em um polinômio, colocando em pauta a sua complexidade e as inúmeras variáveis e incógnitas que esse termo tem em seu interior. Logo, é possível na atualidade a reflexão das visíveis distinções existentes dela, verificando seus pontos positivos e negativos, quando se trata de seus frequentes embates pacíficos ou violentos, que estão presentes como opressão (exploração econômica ou material, impositora de valores) ou agregações harmônicas.

A desconstrução da definição de cultura, traz consigo uma aspiração ao plural, e coloca uma ênfase nos debates políticos que ressaltam questões de poder e epistemologia, que produz diversos conflitos. Nesse momento entende-se que não existe nenhum princípio que seja válido a todos os países e suas identidades, ou pelo menos há uma grande dificuldade de se encontrar um, e isso não significa necessariamente que elas são incompatíveis em uma coexistência respeitosa, mas, sim que a tentativa de fazer valer uma “monocultura” é inviável ou impossível.

Já que agora, existe a consciência dessa abundância identitária e que todas devem ser respeitadas, baseadas em um fundamento histórico, pode-se atribuí agora ao papel do colégio, não mais de manter esse modo opressor, mas de acolher essas

distinções a maneira de respeitá-las. Desenvolvendo uma área de debate e choques culturais positivas, sob a base de argumentos (VEIGA-NETO, 2003, p. 05), sentimentos morais e éticos, essas estratégias para a realização da boa convivência é o objetivo educacional de uma escola democrática, que valoriza todos os que entram em seu meio para conseguir compreender o seu papel de um cidadão que respeita a diferença.

Ter como princípio, que “a educação [é]² um instrumento de equalização social, portanto, de superação da marginalidade” (SAVIANI, 2018, p. 54), no qual, cabe a escola inserir o aluno de maneira a integrá-lo, como um ser já dotado de cultura e conhecimentos prévios, rejeitando o pensamento que este é um ignorante e que deve somente absorver, sem autonomia, os saberes dados por essa instituição, o processo torna-se ativo, entre professor e aluno, em que constroem juntos os conhecimentos, prezando principalmente por uma qualidade de ensino.

[...] a marginalidade deixa de ser vista predominantemente sob o ângulo da ignorância, isto é, o não domínio de conhecimentos. O marginalizado já não é, propriamente, o ignorante, mas o rejeitado. Alguém está integrado não quando é ilustrado, mas quando se sente aceito pelo grupo e, por meio dele, pela sociedade em seu conjunto (SAVIANI, 2018, p. 58).

Os homens são essencialmente distintos, o que pede tratamentos únicos à medida que eles se encontram com obstáculos, que não podem atravessar do mesmo jeito, logo, é de suma importância, “trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender” (SAVIANI, 2018, p. 60). Vale ressaltar, que partimos também de uma reflexão crítica, onde, compreendemos e estamos cientes de que o colégio pode, e é um instrumento das elites e governamental que impõe seu poder através dela, mas, isto não pode impedir o seu verdadeiro papel coletivo e multicultural.

Assim, em lugar de classes confiadas a professores que dominavam as grandes áreas do conhecimento, revelando-se capazes de colocar os alunos em contato com os grandes textos que eram tomados como modelos a serem imitados e progressivamente assimilados pelos alunos, a escola deveria agrupar os alunos segundo áreas de interesses decorrentes de sua atividade livre. O professor agiria como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberia aos próprios alunos. Tal aprendizagem seria uma decorrência espontânea do ambiente estimulante e da relação viva que se estabeleceria entre os alunos e entre estes e o professor (SAVIANI, 2018, p. 60).

² Grifo nosso.

Pensando desse jeito, todas essas expressões artísticas, religiosas ou científicas, são compartilhadas com o resto do mundo pela comunicação, sendo interessante entendê-las, também, como jogos linguísticos, no sentido do “segundo” Wittgenstein, em que o discurso significativo é composto por regras, no entanto, essas regras não são fixas, elas são possíveis de transformação no curso da vida, demonstrando a sua contingência e indeterminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humildade está enraizada nesse aspecto, pois, permite a reflexão a partir de uma incompletude da linguagem, para o papel da educação, ela não pode mais tentar dizer o que é o mundo, pois, tal ato é impossível, mas, observar e ajudar a mostrar como ele é construído por esses jogos de poder. Percebendo, a importância desses jogos e de que forma se pode modificá-los, criando outras maneiras de estar nele. Há uma ampliação, gratificante ao papel do educador, tornando esse, o principal atuante da conversação permanente e infinita, sempre mutante, sobre o que fizemos, o que estamos fazendo e o que poderemos fazer de nós mesmos (VEIGA-NETO, 2003, p.13).

Desse modo, a variedade cultural é hoje possível de ser respeitada, pois, com a análise de que esses fenômenos sociais são dotados por uma construção, respaldado historicamente, e é também o primeiro passo para resistir, reverter e subverter as formas de sobreposição e opressão daquelas que se autoproclamam elevadas e modelos a serem seguidos (VEGA-NETO, 2003, p. 07).

REFERÊNCIAS

- DAMASIO, Antônio. **A estranha ordem das coisas**: As origens biológicas dos sentimentos e da cultura, [s.l.] Companhia das Letras, Tradução Laura Teixeira Mota, 2018. ISBN-10: 8535931112, E-book.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Oxford: Blackwell Publishers Limited, 2003. ISBN: 972-759-511.
- HEGEL, G. W. F. **A Razão na História**. Lisboa: Edições 70, 2013. E-book.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Lisboa: Edições 70, 2018. ISBN: 978-972-44-2126-1. E-book.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores associados, 2018. ISBN: 978-85-7496-412-6. E-book



VEIGA-NETO, Alfredo, Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio-ago. 2003. p. 5-15.